

O mercado cambial e sua influência na exportação brasileira de amêndoas de castanha de caju

Edilberto Gonçalves Bedê e Silva

CPF: 041.582.533-49

Endereço: Rua Nunes Valente, 2220/301

60.125-071 – Fortaleza-CE

e-mail: edilbertobede@uol.com.br

grupo de pesquisa: 3 – Comércio Internacional

apresentação: sessão sem debatedor

Eveline Barbosa Silva Carvalho

CPF: 097784623-72

Endereço: Rua da Paz, 199/600

60.165.121 – Fortaleza-CE

e-mail: eveline@fortalnet.com.br

grupo de pesquisa: 3 – Comércio Internacional

apresentação: sessão sem debatedor

Ahmad Saeed Khan

CPF: 42703403-63

Endereço: Gustavo Sampaio, 2075/801

60.000-000 – Fortaleza-CE

e-mail: saeed@ufc.br

grupo de pesquisa: 3 – Comércio Internacional

apresentação: sessão sem debatedor

O mercado cambial e sua influência na exportação brasileira de amêndoas de castanha de caju

Resumo

A exportação de amêndoas de castanha de caju representa um dos itens mais importantes na pauta de negócios da região Nordeste do Brasil, fazendo parte do chamado agronegócio do caju. Essa atividade vem decrescendo, em termos de sua participação nos resultados econômicos da região e do país, sendo apontado como principal fator responsável, as variações das taxas de câmbio. O estudo, que focaliza o período de 1980 a 2002, leva em conta as variações cambiais, a participação do Brasil no cenário mundial, o preço do produto, os índices pluviométricos, as quantidades e os valores negociados por países exportadores e importadores de amêndoas de castanha de caju. Foi realizado cálculo do coeficiente de determinação por regressão linear simples para selecionar as variáveis mais representativas e em seguida elaborada regressão linear múltipla com as variáveis independentes de maior poder de explicação. Constatou-se a hipótese da influência significativa das variações das taxas de câmbio sobre o valor total exportado, sobre a quantidade exportada, sobre a formação do preço da matéria-prima adquirida dos produtores nacionais e sobre o preço da matéria-prima adquirida no exterior. Os resultados apontam para a importância de se manter a estrutura produtiva do país uma vez que os preços do produto in natura no mercado internacional tenderão a crescer em dólar, em virtude do aumento da demanda.

PALAVRAS-CHAVE: castanha de caju; exportação; risco cambial.

O mercado cambial e sua influência na exportação brasileira de amêndoas de castanha de caju

1. INTRODUÇÃO

A exportação de amêndoas de castanha de caju, que faz parte do chamado agronegócio do caju, se constitui em atividade de grande relevância sócio-econômica para a Região Nordeste do Brasil, relacionada à geração de divisas, à criação e manutenção de emprego e renda, principalmente no meio rural.

Além das variações cambiais, a bibliografia referente à amêndoa de castanha de caju (ACC) aponta diversos fatores que influenciam sua produção e comercialização, tais como: baixa produtividade, falta de incentivos governamentais, política de crédito e financiamento inadequada, capacidade ociosa das indústrias, estiagens, conquista de novos mercados, variação do preço no comércio internacional, dentre outros.

Mas variações cambiais causam transtornos às finanças das empresas, à medida em que pagamentos e recebimentos se encontram referenciados em moedas distintas. Ocorrendo uma variação na cotação, o exportador poderá arcar com prejuízos, no caso de uma valorização frente à moeda nacional, pois receberá menos moeda nacional pela troca da moeda estrangeira do que o previsto inicialmente e, em havendo uma desvalorização, será beneficiado, pois receberá mais moeda nacional em troca da moeda estrangeira, revertendo-se o quadro.

Além dos efeitos sobre os componentes do patrimônio empresarial e sobre os fluxos financeiros esperados, as variações cambiais também podem influir sobre novas operações, seja por ocasião da aquisição futura da matéria-prima e insumos para a produção, seja no momento da comercialização futura dos produtos ou serviços. Essa situação coloca as empresas na situação de risco de auferirem resultados desfavoráveis, que podem comprometer não só os fluxos financeiros de curto prazo, mas sua própria sobrevivência, em prazo mais dilatado.

O presente estudo busca constatar os reais efeitos das variações das taxas de câmbio nas exportações de amêndoas de castanha de caju, consignar os demais fatores que influenciam o processo, bem como analisar as possíveis alternativas para o gerenciamento do risco cambial na atividade de exportação de amêndoas de castanha de caju.

2. METODOLOGIA

A pesquisa inclui levantamento bibliográfico e documental a respeito de taxas de câmbio, mercado cambial, risco empresarial, gerenciamento do risco, produção, beneficiamento e exportação de amêndoas de castanha de caju.

A fim de averiguar os efeitos das variações das taxas de câmbio nas exportações de amêndoas de caju, foram buscados dados estatísticos evidenciando o cenário mundial de negociação da castanha de caju, principais parceiros, quantidades produzidas e exportadas por diferentes países, além de dados específicos sobre a produção brasileira. A pesquisa cobre o período de 1980 a 2002 tendo em vista não haver disponibilidade de dados mais atualizados.

Foram elaboradas análises estatísticas dos dados secundários, para demonstrar quantidades e valores das castanhas de caju produzidas; das amêndoas de castanha exportadas

e importadas; das taxas de câmbio e inflação do Brasil, da área destinada à colheita, rendimento e índices pluviométricos. E a partir desses dados foi realizada análise de regressão, para mensurar o impacto das variações cambiais sobre as quantidade e valores da exportação de amêndoas de castanha de caju.

3. O AGRONEGÓCIO DO CAJU E A EXPORTAÇÃO MUNDIAL DE AMÊNDOAS DE CASTANHA DE CAJU

O agronegócio do caju constitui-se em atividade de grande importância sócio-econômica para a Região Nordeste brasileira. No Brasil, a cultura do cajueiro se concentra nos Estados do Ceará, Rio Grande do Norte e Piauí, que responderam, em 2002, por 92,27% da produção nacional, conforme dados do IBGE.

A amêndoa de castanha de caju é um produto destinado a um público de renda elevada, que valoriza e exige qualidade do que consome. *Constitui-se um produto tipicamente de exportação, sendo, em geral, destinado a países de renda per capita mais elevada* (LEITE, 1994, p.40).

No mercado interno, a ACC é comercializada em dois diferentes segmentos: a castanha inteira é destinada aos consumidores de poder aquisitivo mais elevado; as quebradas, partidas e danificadas, são destinadas a consumidores de menor poder aquisitivo e ao mercado de doces, padarias, sorveterias (MDIC, 2000).

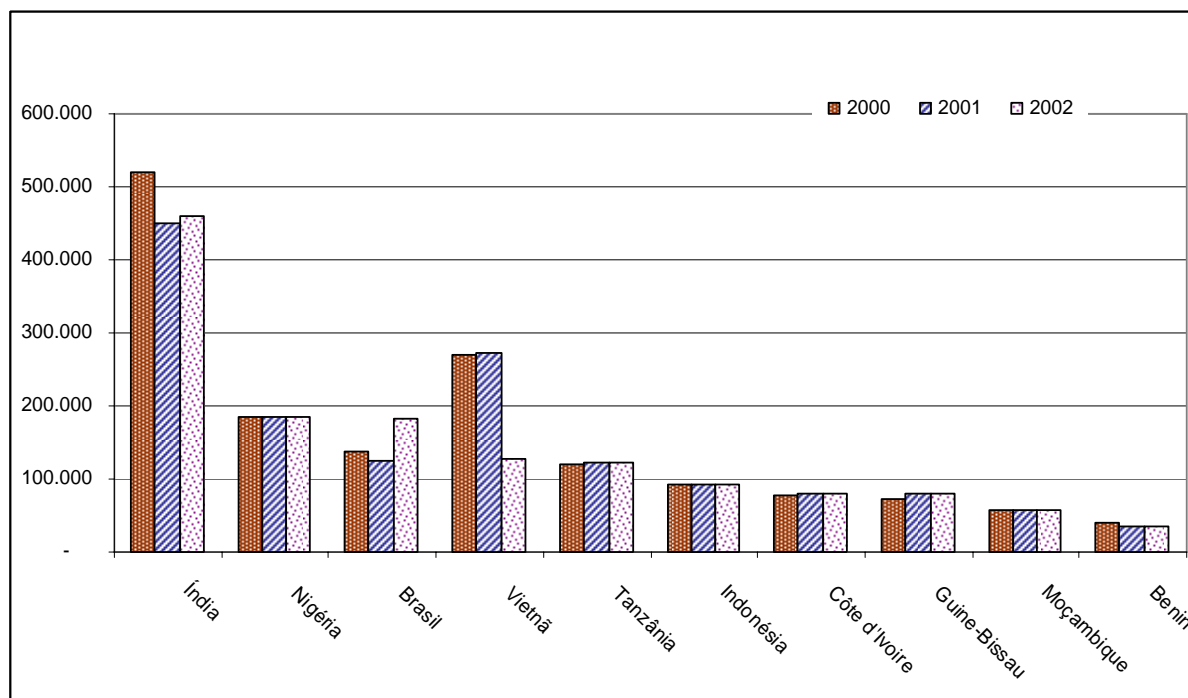
Almeida e Soares (1996, p.106) afirmam que “a indústria de beneficiamento de caju tem-se caracterizado pela orientação quase que exclusiva para atender ao mercado externo. Isto tem colocado o Ceará em posição de destaque no cenário nacional, como principal porto exportador de amêndoa de castanha de caju (ACC), bem como por ter o principal parque industrial do país para a industrialização da castanha e de ser o maior produtor agrícola deste produto primário.”

Segundo Leite (1994), a agroindústria do caju cria cerca de 300 mil empregos no Brasil, sendo 20 mil ligados ao processamento (castanha e pedúnculo) e 280 mil às atividades agrícolas desenvolvidas nos 650 mil hectares plantados com a cultura.

As exportações mundiais de amêndoas de castanha de caju dependem da produção da castanha *in natura*, que em conformidade com os dados divulgados pela Food and Agriculture Organization of the United Nation – FAO, restringe-se mais expressivamente a cinco países: Índia, Nigéria, Brasil, Vietnã e Tanzânia.

Em 2002, a produção mundial de castanha de caju atingiu o total de 1.516.935 toneladas, sendo a Índia o maior produtor, com 30,32% desse total, vindo em seguida a Nigéria, com 12,26%, o Brasil, em terceiro lugar, com 12,11%, e o Vietnã e a Tanzânia com 8,40% e 8,04% respectivamente.

GRÁFICO 1-Dez maiores países produtores de castanha de caju em quantidade (t) - 2000/2001/2002



Fonte dos dados para elaboração do gráfico: FAO - Food and Agriculture Organization of the United Nations

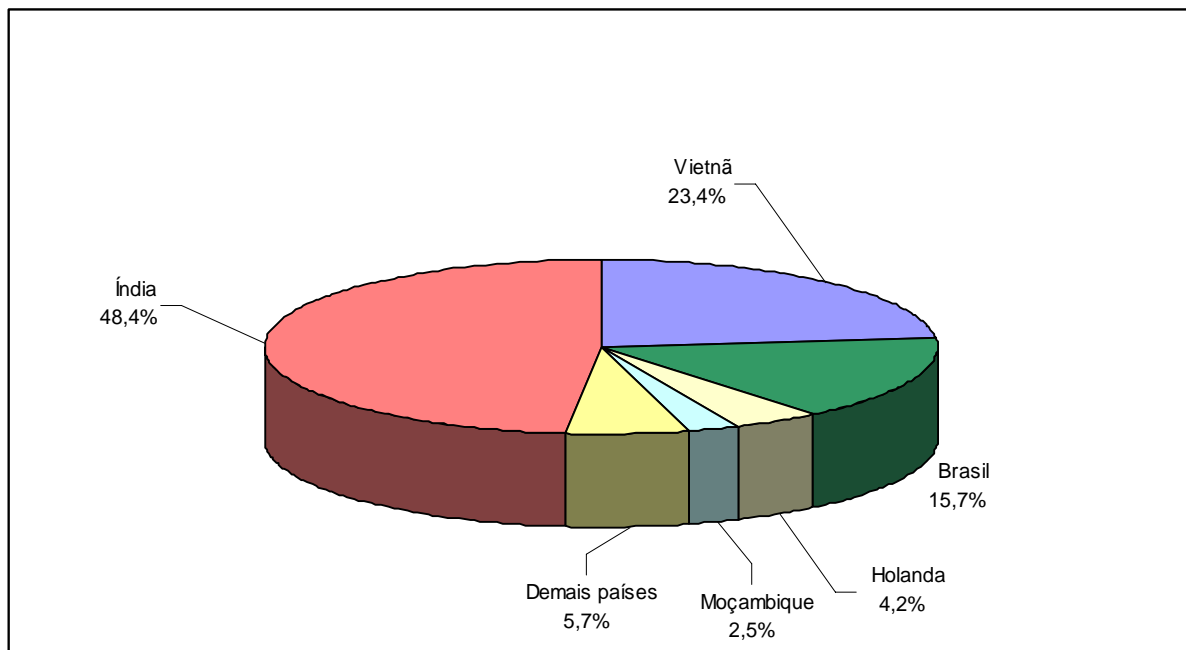
Em 2002, os cinco maiores produtores (Índia, Nigéria, Brasil, Vietnã e Tanzânia) participaram com 71,13% na produção, e os dez maiores produtores com 93,97% do total conforme evidencia o gráfico 1.

Examinando cenário mais recente, observou-se que o volume total, produzido mundialmente, decresceu, nos anos de 2001 e de 2002, em relação ao ano de 2000: 4,6% e 9,06% respectivamente. Essa queda deveu-se ao declínio das produções da Índia e do Vietnã, que afetaram o total.

Observando-se, pelo lado das exportações de ACC, o maior exportador mundial de amêndoas de castanha de caju é a Índia, 48,43%, seguida do Vietnã, 23,41%, vindo após o Brasil, em terceiro lugar, com 15,73% das exportações mundiais, de acordo com a FAO.

Considerando, porém, as informações do MDIC (Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior) (2000), mais de 30% de toda a castanha de caju exportada no mundo é originária do Brasil, que também figura entre os principais produtores mundiais do segmento. A Índia, líder entre os produtores, responde por mais de 58% das exportações mundiais de castanha de caju.

GRÁFICO 2 – Países exportadores de amêndoas de castanha de caju - 2001



Fonte dos dados para elaboração do gráfico: FAO - Food and Agriculture Organization of the United Nations

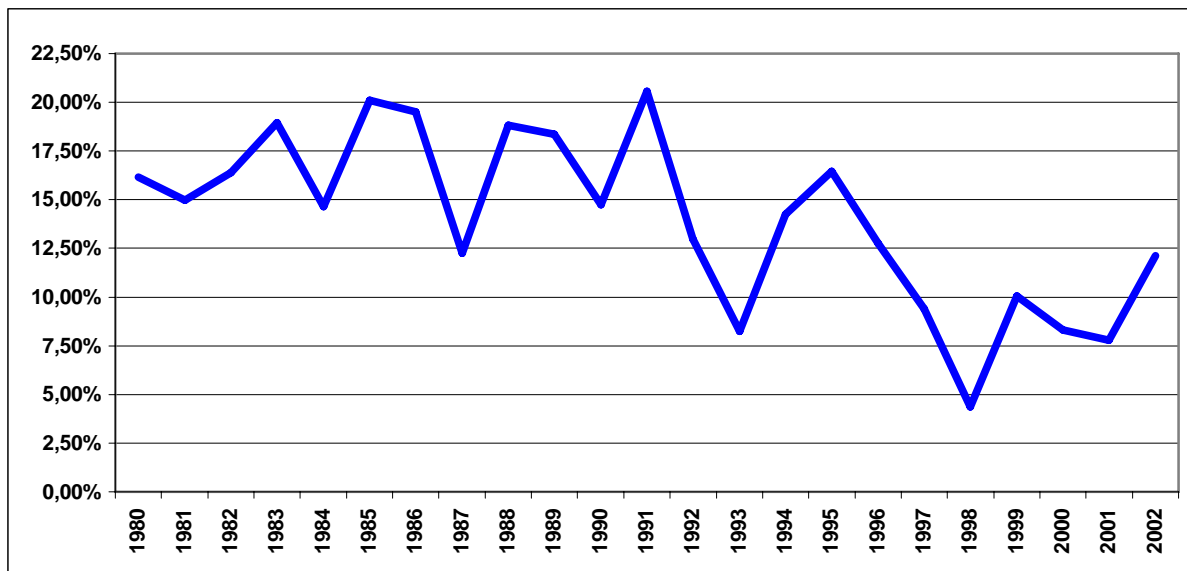
Pelo lado das importações de ACC, as compras de amêndoas de castanha caju são realizadas, basicamente, por três países (Estados Unidos, Holanda e Reino Unido), correspondendo a 63,85%, o que denota uma alta concentração no mercado consumidor mundial, sendo na liderança os Estados Unidos, com 47,64%, conforme dados da FAO.

Como maiores consumidores, estão países de alta renda *per capita*, sob a liderança dos Estados Unidos, para onde vão mais de 80% das castanhas de caju de origem brasileira (MDIC, 2000).

4. PARTICIPAÇÃO DO BRASIL NA PRODUÇÃO DE CASTANHA DE CAJU – CC E NA EXPORTAÇÃO MUNDIAL DE AMÊNDÓAS DE CASTANHA DE CAJU – ACC.

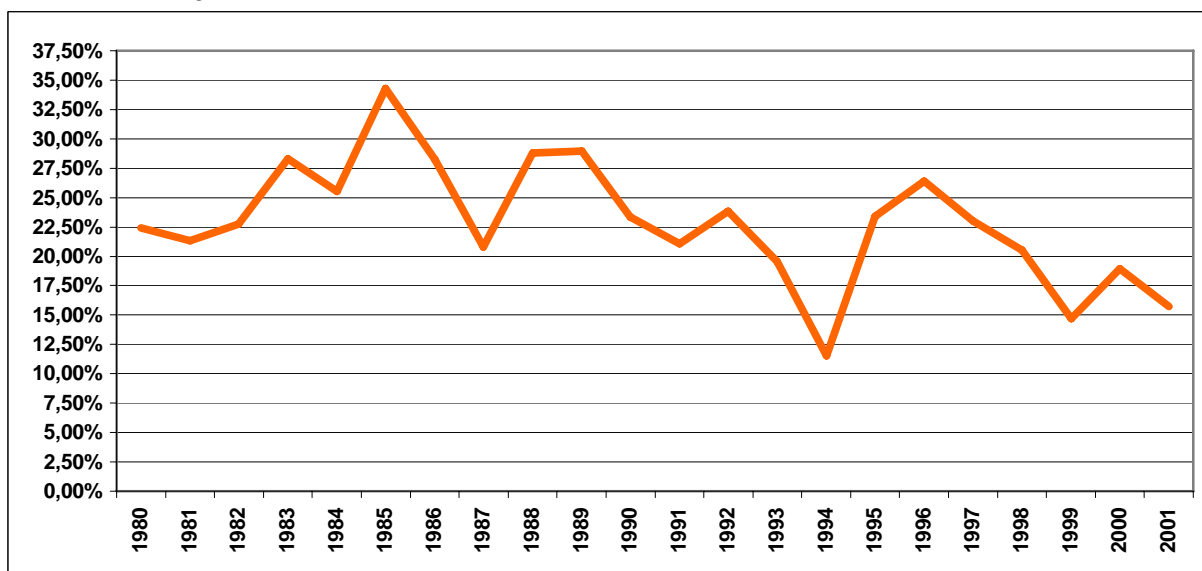
O Brasil vem perdendo posição no cenário mundial do agronegócio do caju. Em 1980, participava com 16% da produção mundial de castanha de caju *in natura*, chegando a 20%, em 1991, apresentando um percentual de 12%, em 2002. Como se pode verificar, o gráfico 3 apresenta tendência decrescente.

GRÁFICO 3-Participação relativa do Brasil na produção mundial de castanha de caju(CC)-1980/2002



Fonte dos dados para elaboração do gráfico: FAO - Food and Agriculture Organization of the United Nations

GRÁFICO 4-Participação relativa do Brasil nas exportações mundiais de amêndoas de castanha de caju(ACC) 1980/2002.



Fonte dos dados para elaboração do gráfico: FAO-Food and Agriculture Organization of the United Nations

Já na exportação de amêndoas de castanha de caju, o Brasil participava, em 1980, com 22,5% do total mundial, chegando a 34%, em 1985, e encerrando o ano de 2002 com 15%, revelando, também, uma tendência de queda.

5. ANÁLISE DO COMPORTAMENTO DAS VARIÁVEIS INCLUÍDAS NO MODELO

Os fatores a seguir comentados concorrem para a produção de castanha de caju *in natura* e por essa razão são incluídos na análise gráfica que se segue.

a) Área destinada à colheita

Refere-se à extensão territorial (hectares) correspondente às árvores plantadas, “cajueiros”, que se encontravam em condições de deles extrair frutos. Leve-se em conta de que existem árvores plantadas que ainda não produzem e árvores idosas cuja produção é diminuta.

b) Produção de castanha de caju - CC

Quantidades, em toneladas, de castanha *in natura* produzidas no Estado do Ceará. São considerados, no ano referência, dados relativos à colheita, que se inicia nos últimos meses do ano em referência e se encerra nos primeiros meses do ano seguinte.

c) Rendimento

Demonstra o número de quilos de castanha de caju obtidos por hectare de área destinada à colheita.

O conceito de rendimento é distinto daquele de produtividade. Conforme a classificação adotada pelo IBGE, *produtividade* é a capacidade que tem a área de, potencialmente, produzir, considerando os fatores disponíveis; *rendimento* é a produção obtida de uma determinada área, num certo período. O rendimento máximo seria atingido ao se colher o montante calculado para a capacidade produtiva da área.

d) Precipitação pluviométrica média

Os dados correspondem ao volume médio de milímetros anuais de chuvas incidentes no Estado do Ceará.

Quanto aos fatores que concorrem para a comercialização/exportação da amêndoa de castanha de caju – ACC, tem-se:

a) Valor das exportações de ACC

Valor, em US\$ mil FOB, das exportações de ACC do Ceará registradas em cada ano.

b) Quantidade exportada de ACC

Quantidade, em toneladas, de amêndoas de castanha de caju industrializadas, exportadas pelo Estado do Ceará, anualmente.

c) Taxa de Câmbio Real

Valor da taxa de câmbio real, dólar americano e moeda brasileira, em forma de índice, calculado considerando o ano de 1994 como base = 100, e as variações ocorridas entre o ano anterior e o ano referência.

Para as análises que se seguem foram utilizados dados relativos ao estado do Ceará tendo em vista se tratar do maior produtor de amêndoa de castanha de caju do país (65% do total produzido pelo país em 2002) e responsável por 85% do total exportado de amêndoas de

castanha de caju. As variações percentuais constantes da tabela 1 expressam o incremento ou redução ocorrida entre o ano de referência e o ano anterior.

TABELA 1 – Ceará – Influência das variações cambiais nas quantidades de amêndoas de castanha de caju exportadas - 1980- 2002

ANO	Taxa de Câmbio Real US\$ / MB		Amêndoas de Castanha de Caju - ACC					
	índice	Variação	Quantidade		Valor FOB		Preço	
			(t)	Variação	US\$ Mil	Variação	US\$ / Kg.	Variação

1980	140,67		13.178		62.202			4,72	
------	--------	--	--------	--	--------	--	--	------	--

Desvalorização Cambial e Aumento da Quantidade Exportada

1981	149,04	6,0%	↗	13.997	6,2%	↗	71.606	15,1%	↗	5,12	8,4%	↗
1982	150,64	1,1%	↗	16.108	15,1%	↗	62.970	-12,1%	↘	3,91	-23,6%	↘
1983	177,07	17,5%	↗	17.587	9,2%	↗	62.759	-0,3%	↘	3,57	-8,7%	↘
1985	174,56	1,3%	↗	23.043	65,9%	↗	95.529	53,2%	↗	4,15	-7,7%	↘
1995	81,44	10,5%	↗	28.295	44,8%	↗	129.927	40,5%	↗	4,59	-3,0%	↘
1996	82,73	1,6%	↗	32.692	15,5%	↗	149.985	15,4%	↗	4,59	-0,1%	↘
2000	104,78	1,3%	↗	28.294	42,2%	↗	137.479	18,7%	↗	4,86	-16,5%	↘
Total				160.016								

Desvalorização Cambial e Decréscimo na Quantidade Exportada

1990	114,74	13,1%	↗	22.330	-6,0%	↘	82.662	-10,8%	↘	3,70	-5,1%	↘
1991	121,57	6,0%	↗	20.150	-9,8%	↘	92.066	11,4%	↗	4,57	23,4%	↗
1998	83,70	3,3%	↗	27.905	-13,5%	↘	124.060	-10,6%	↘	4,45	3,4%	↗
1999	103,41	23,5%	↗	19.896	-28,7%	↘	115.786	-6,7%	↘	5,82	30,9%	↗
2001	105,91	1,1%	↗	23.199	-18,0%	↘	87.920	-36,0%	↘	3,79	-22,0%	↘
2002	124,46	17,5%	↗	22.424	-3,3%	↘	79.986	-9,0%	↘	3,57	-5,9%	↘
Total				135.904								

Valorização Cambial e Decréscimo na Quantidade Exportada

1984	172,40	-2,6%	↘	13.891	-21,0%	↘	62.371	-0,6%	↘	4,49	25,8%	↗
1986	151,75	-13,1%	↘	20.423	-11,4%	↘	102.648	7,5%	↗	5,03	21,2%	↗
1987	144,95	-4,5%	↘	14.282	-30,1%	↘	82.893	-19,2%	↘	5,80	15,5%	↗
1993	105,59	-7,8%	↘	26.759	-16,3%	↘	103.191	-16,0%	↘	3,86	0,3%	↗
1994	73,72	-30,2%	↘	19.539	-27,0%	↘	92.503	-10,4%	↘	4,73	22,8%	↗
1997	81,05	-2,0%	↘	32.265	-1,3%	↘	138.723	-7,5%	↘	4,30	-6,3%	↘
Total				127.158								

Valorização Cambial e Aumento na Quantidade Exportada

1988	131,21	-9,5%	↘	21.083	47,6%	↗	100.443	21,2%	↗	4,76	-17,9%	↘
1989	101,48	-22,7%	↘	23.754	12,7%	↗	92.644	-7,8%	↘	3,90	-18,1%	↘
1992	114,53	-5,8%	↘	31.952	58,6%	↗	122.868	33,5%	↗	3,85	-15,8%	↘
Total				76.789								

Fontes: MDIC/SEDCEX – Sistema Alice, SINCAJU - Sindicato dos Produtores de Caju do Estado do Ceará, IBGE - Instituto Brasileiro de Estatística, FUNCEME – Fundação Cearense de Meteorologia e Recursos Hídricos, BACEN – Banco Central do Brasil, FGV – Fundação Getúlio Vargas. Elaboração dos autores.

(*) Os dados referentes à produção correspondem à colheita que se inicia nos últimos meses de cada ano e se encerra nos primeiros meses do ano seguinte.

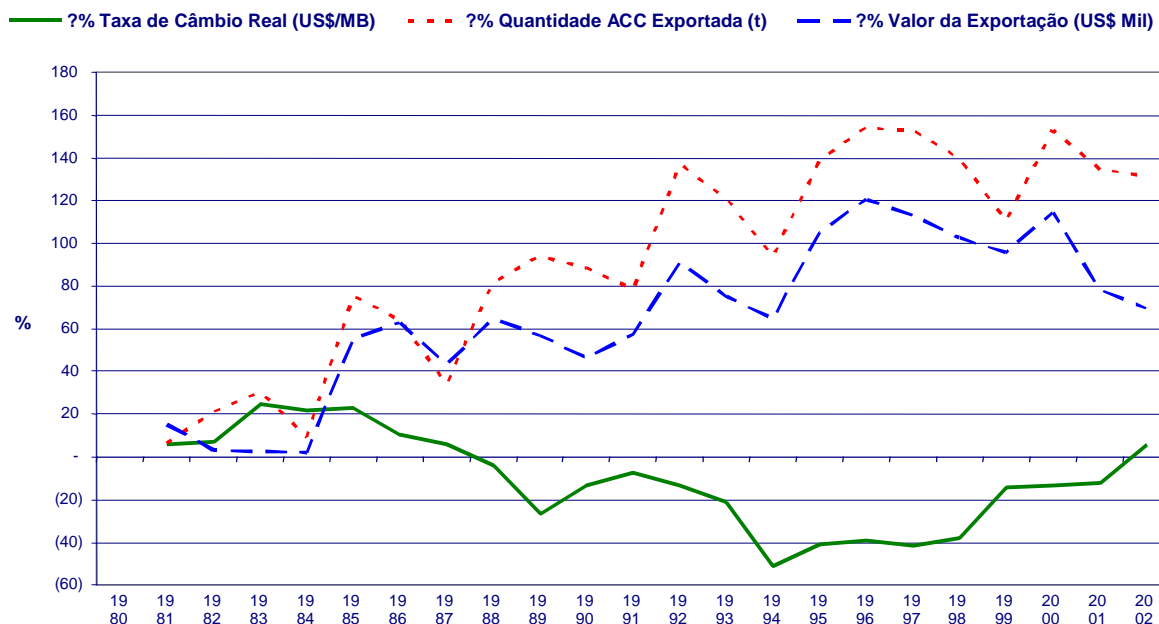
Pode-se observar pelos números apresentados na tabela que, mesmo em períodos em que houve desvalorização cambial, ocorreram reduções nas quantidades exportadas; e também, em períodos de valorização cambial, houve o incremento das exportações, o que se

deduz que outros fatores concorreram, fortemente, de forma positiva ou negativa, para o desempenho das exportações de amêndoas de castanha de caju no período estudado.

No gráfico 5, pode-se visualizar as quatro situações anteriormente mencionadas, em que se verifica o comportamento das quantidades de ACC exportadas pelo Ceará, o valor das exportações e a trajetória da taxa de câmbio real.

GRÁFICO 5-Variação percentual acumulada: Taxa de Câmbio Real/Quantidade Exportada/Valor da Exportação 1980 – 2002.

VARIAÇÃO PERCENTUAL ACUMULADA - 1980 - 2002



Fontes dos dados para elaboração do gráfico: BACEN-Banco Central do Brasil, MDIC-Sistema Alice

Com base na série de dados contida na tabela 1, foi elaborado estudo comparativo entre quantidades de amêndoas de caju (ACC) exportadas pelo Ceará, no período de 1980 a 2002 e os fatores que potencialmente poderiam contribuir para o seu desempenho, com a finalidade de averiguar a relação existente. Na consecução desse objetivo foram efetuados cálculos estatísticos, utilizando-se a regressão linear, que possibilitou aferir o grau de influência significativa de cada um desses elementos.

Inicialmente, elaborou-se o cálculo do coeficiente de determinação (explicação) R^2 , por meio de regressão linear simples, de cada variável independente (X_1 , X_2 , X_3 , X_4 e X_5) em relação à variável dependente (Y), conforme o explicitado na tabela 2.

O objetivo foi o de realizar uma triagem com as variáveis analisadas que fossem representativas para o modelo. Após a análise, algumas variáveis foram descartadas, por não trazerem nenhuma ou irrisória explicação à variável dependente.

TABELA 2-Variáveis que influenciam as exportações de amêndoas de castanha de caju – ACC de caju exportadas - 1980- 2002.

ANO	VARIÁVEL DEPENDENTE	VARIÁVEIS INDEPENDENTES				
	Quantidade exportada de ACC (t)	Taxa de Câmbio Real US\$ / MB	Preço do Produto US\$/Kg.	Participação do Brasil no mercado mundial de CC	Quantidade de CC produzida (t)	Índice Pluviométrico mm/ano
	Y	X1	X2	X3	X4	X5
1980	13.178	140,67	4,72	16,16%	39.718	759,10
1981	13.997	149,04	5,12	14,97%	51.017	635,10
1982	16.108	150,64	3,91	16,38%	69.186	703,30
1983	17.587	177,07	3,57	18,95%	21.649	394,50
1984	13.891	172,40	4,49	14,66%	86.793	1.087,40
1985	23.043	174,56	4,15	20,11%	71.019	1.823,90
1986	20.423	151,75	5,03	19,52%	27.171	1.278,10
1987	14.282	144,95	5,80	12,26%	50.887	723,40
1988	21.083	131,21	4,76	18,82%	65.516	848,60
1989	23.754	101,48	3,90	18,35%	58.685	974,10
1990	22.330	114,74	3,70	14,74%	52.224	486,80
1991	20.150	121,57	4,57	20,55%	75.888	629,60
1992	31.952	114,53	3,85	12,98%	45.160	551,90
1993	26.759	105,59	3,86	8,25%	22.427	377,80
1994	19.539	73,72	4,73	14,24%	68.776	1.090,20
1995	28.295	81,44	4,59	16,44%	80.896	1.012,20
1996	32.692	82,73	4,59	12,75%	83.047	1.042,20
1997	32.265	81,05	4,30	9,41%	48.464	599,90
1998	27.905	83,70	4,45	4,38%	15.200	488,20
1999	19.896	103,41	5,82	10,04%	77.113	853,50
2000	28.294	104,78	4,86	8,31%	94.000	980,30
2001	23.199	105,91	3,79	7,80%	75.000	672,70
2002	22.424	124,46	3,57	12,11%	105.963	850,20

Fontes dos dados para elaboração da tabela: MDIC/SEDCEX – Sistema Alice, BACEN – Banco Central do Brasil, SINCAJU - Sindicato dos Produtores de Caju do Estado do Ceará, IBGE - Instituto Brasileiro de Estatística, FUNCEME-Fundação Cearense de Meteorologia e Recursos Hídricos, FGV-Fundação Getúlio Vargas

Para a realização dos cálculos, a quantidade produzida de castanha de caju *in natura* e os índices pluviométricos (variáveis independentes) referentes a um ano, foram relacionadas à quantidade de ACC exportada (variável dependente) do ano seguinte, para guardar coerência entre os efeitos dessas duas variáveis.

A tabela 3 mostra o resultado individual das variáveis analisadas, cujos cálculos se encontram demonstrados nos apêndices “A” a “E”.

TABELA 3 – Variáveis analisadas no cálculo de regressão linear

Variável dependente	Variáveis independentes (explicativas)	R ² (*)	Valor-P (**)
Quantidade exportada de amêndoas de castanha de caju (ACC) - Y	Taxa de câmbio real - X ₁	46,25 %	0,04%
	Preço do produto (US\$/Kg.) - X ₂	7,56%	21,53%
	Participação do Brasil no mercado mundial de castanha de caju - X ₃	15,84 %	6,65%
	Quantidade de CC produzida - X ₄	37,03 %	0,26%
	Índice Pluviométrico (MM/Ano) - X ₅	1,64%	56,98%

Elaboração dos autores

* R² - Coeficiente de explicação - é o coeficiente que mede o grau de ajustamento do modelo aos dados da amostra, ou seja, quanto as variáveis explicativas (X) presentes no modelo são responsáveis pelo comportamento da variável dependente (Y).

** Valor-P – também conhecido como nível de significância traduz a probabilidade de se cometer um erro.

A partir desses números, pode-se constatar que apenas as variáveis independentes, “variação da taxa de câmbio - X₁” e “quantidade produzida de CC - X₄”, apresentaram individualmente coeficientes de explicação de significativa expressividade, ou seja, estatisticamente, influenciam num grau de 46,25% e 37,03%, respectivamente, o volume da exportação de amêndoas de castanha de caju – ACC. As demais variáveis independentes demonstraram exercer individualmente pouca influência na quantidade de ACC exportada.

Em seguida, foi estimada uma equação da reta, utilizando-se o método dos mínimos quadrados, calculada a regressão linear múltipla, considerando as duas variáveis independentes de maior poder significativo, individualmente:

$$Y = 28261,245 - 115,117 X_1 + 0,143 X_4$$

O Coeficiente de Determinação (R²), de 77,25%, demonstra que a variação na quantidade exportada de ACC é explicada por duas variáveis independentes em conjunto: “variação das taxas de câmbio” e “variação na quantidade de CC produzida”.

Pelo resultado da análise, considerando as variáveis mensuráveis utilizadas, pode-se afirmar que as variações cambiais e a quantidade de castanha de caju – CC produzida, influenciaram, de forma expressiva, a quantidade exportada de amêndoas de castanha de caju – ACC. Observa-se, também, que a posição do Brasil, como produtor mundial de castanha de caju *in natura*, representou significativa relevância.

CONCLUSÃO

Diante do presente estudo, são apresentadas conclusões sobre os efeitos das variações das taxas de câmbio na exportação de amêndoas de castanha de caju que se manifestaram sobre o valor total exportado, sobre a quantidade exportada, sobre a formação do preço da matéria-prima adquirida dos produtores nacionais e, sobre o preço da matéria-prima adquirida

no exterior. Constatou-se a hipótese da influência significativa das variações das taxas de câmbio no desempenho da exportação de amêndoas de castanha de caju.

a) Sobre o valor total exportado

Estatisticamente, as variações cambiais influenciam, significativamente, o valor das exportações de ACC, em dólares, haja vista que, do universo observado, dados referentes aos anos de 1981 a 2002, a probabilidade da variação cambial interferir individualmente é de 50,6% dos casos. A variável que apresenta maior influência é a quantidade exportada, 75,8%, sendo que o preço do produto comercializado internacionalmente, apenas 4,9%, no incremento do valor exportado. Todavia, considerados conjuntamente, os três fatores apresentam um índice de 98,8%, portador de alta significância estatística.

b) Sobre a quantidade exportada

A influência da variação cambial sobre a quantidade exportada de amêndoas de castanha de caju - ACC é estatisticamente de 46,3% de probabilidade das ocorrências, traduzindo, desse modo, uma expressiva representatividade. O volume produzido da castanha de caju *in natura* - CC influencia individualmente 37,0% e, o preço, 7,6% dos casos. A posição do Brasil, como produtor mundial de castanha de caju *in natura* apresentou, no cálculo, o índice de 15,8%. Considerando as duas variáveis de maior expressão individual, conjuntamente, demonstraram influenciar 77,25% das ocorrências, o que se pode afirmar que as variáveis, variação cambial e quantidade produzida de CC, tem influência significativa sobre a exportação de ACC.

c) Sobre a formação do preço da matéria-prima adquirida dos produtores nacionais

O preço da matéria-prima (castanha de caju *in natura*) adquirida dos produtores nacionais (locais), negociado através de acordo entre esses e os beneficiadores/exportadores, sofre influência direta da variação cambial, por ocasião da sua determinação.

A desvalorização cambial (a moeda estrangeira tornando-se mais cara) possibilita a negociação da matéria-prima a um preço maior, em moeda nacional, beneficiando, portanto, o produtor, que obtém melhor preço pela castanha de caju junto às empresas beneficiadoras/exportadoras.

Ocorrendo valorização cambial (a moeda estrangeira tornando-se mais barata), o preço da matéria-prima tende a cair e, conseqüentemente, o produtor da castanha de caju receberá menos pelo seu produto.

O resultado positivo ou negativo, obtido tanto pelo produtor quanto pelo beneficiador/exportador, dependerá das planilhas de custo de produção de cada uma das partes, que são inicialmente elaboradas em moeda nacional corrente.

O exportador, contudo, ficará à mercê das seguintes possibilidades:

1) Caso já tenha adquirido a matéria-prima do produtor

- se o dólar subir (e o real se desvalorizar), lucrará o exportador com a variação cambial, pois receberá mais moeda nacional, em troca de moeda estrangeira sobre a quantidade exportada.
- no caso do dólar cair de preço (e o real se valorizar), o exportador receberá menos moeda nacional em troca de moeda estrangeira pela quantidade exportada. Nesse caso, o produtor não sofrerá influência sobre a quantidade já negociada junto ao beneficiador.

2) Caso a matéria-prima ainda esteja para ser adquirida do produtor

Sua aquisição será realizada a preços a serem negociados entre o produtor e o beneficiador/exportador.

d) Sobre o preço da matéria-prima adquirida no exterior

A variação cambial também influencia a política de importação de matéria-prima, na medida em que o preço desta se torna mais competitivo, em relação ao preço pago pelo beneficiador/exportador ao produtor local. Uma valorização cambial poderá possibilitar a aquisição, no exterior, de uma castanha de melhor qualidade, a um preço menor, fato que, vindo a ocorrer, prejudicará substancialmente os produtores locais, que ficarão sem negociar a sua produção, por não poderem concorrer com um preço inferior. Além disso, atualmente, por determinações legais, ainda se lida com a proibição de exportar o produto *in natura*, arcando com os prejuízos advindos da sua não comercialização, alimentando-se o desestímulo com relação à atividade da cajucultura.

O resultado do trabalho prende-se à análise dos dados obtidos nas diversas fontes relacionadas. Contudo, dados de ordem subjetiva fogem ao controle das estatísticas existentes. A atitude dos importadores, de barganhar preço junto aos exportadores ao se beneficiarem da variação cambial, por exemplo, é um fato que foge ao enquadramento das estatísticas. Outra variável é a preferência dos consumidores, quando optam por um produto similar em detrimento do produto ora em estudo.

Ressalte-se a importância de se manter a estrutura produtiva do país. Em outras palavras: embora as taxas de câmbio possam estar momentaneamente favoráveis à importação, a longo prazo – ou até mesmo a médio prazo – os preços do produto *in natura* no mercado internacional tenderão a crescer em dólar, em virtude do aumento da demanda, considerando *ceteris paribus* a taxa de câmbio.

Abandonar a estrutura produtiva interna poderá resultar em ficar à mercê dos produtores estrangeiros e de uma taxa de câmbio pouco confiável. Possível solução, ou parte dela, está, portanto, em estruturar o setor produtivo do País. Isto significa mais pesquisa, melhor logística de transporte e armazenagem, ganho de produtividade, agregação de valor econômico ao negócio, cadeia produtiva mais integrada, acesso a linhas de crédito mais adequadas à produção e comercialização, política de comércio exterior mais competente e agressiva e, por fim, um bom plano de marketing para expandir o mercado já existente e conquistar novos consumidores tanto no mercado interno como no mercado externo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AFI, The Association of Food Industries, Inc. Disponível em:
<<http://www.afi.us.org>>. Acesso em: 20.10.2003.

ALMEIDA, Manuel Bosco de; SOARES, Francisco de Assis. *A agroindústria do caju no nordeste do Brasil: estratégia competitiva em relação ao mercado internacional*. Revista Econômica do Nordeste, Fortaleza, v. 27, n.1, p. 105-132, jan./mar. 1996.

BACEN, Banco Central do Brasil. *Câmbio*. Página: BC Atende. Disponível em:
<http://www.bcb.gov.br/htms/bc_atende/cambio.shtm>. Acesso em: 8.5.2003.

BEENY, James Howard. Entrevista concedida em 16.9.2003.

BODNAR, Gordon M. *Dominando finanças – Financial Times* – São Paulo: Makron Books, 2001.

CARVALHO, Antônio José Gomes Teixeira de. *Diário do Nordeste*, Fortaleza, 21.1.2003. Disponível em: <<http://diarionordete.globo.com>>. Acesso em: 2.8.2003.

CARVALHO, Eveline Barbosa Silva. *Efeitos das minidesvalorizações cambiais sobre as exportações agrícolas do nordeste*. Dissertação (Mestrado em Economia Rural) Fortaleza: Universidade Federal do Ceará - UFC, 1991.

CARVALHO, Eveline Barbosa Silva; FRANÇA, Francisco Mavignier Cavalcante. *Análise da competitividade internacional do sistema agroindustrial do caju brasileiro*. Revista Econômica do Nordeste, Fortaleza, v. 28, n.1, p. 51-61, jan./mar. 1997.

CARVALHO, Maria Auxiliadora de; SILVA, César Roberto Leite da. *Economia internacional*. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2002.

EIZING, Paul. *Primitive money in Its ethnological, historical, and economic aspects*. 2 ed. New York, NY: Pergamon Press, 1966.

FAO, Food and Agriculture Organization of The United Nations. Disponível em:
<<http://apps.fao.org/page/colletions?subset=agriculture>>. Acesso em: 30.11.2003.

FERREIRA, Paulo de Tarso Meyer. *A visão dos produtores de caju*. In: WORKSHOP DO AGRONEGÓCIO CAJU, Fortaleza, 20.9.2000. Disponível em: <<http://www.fiec.org.br>>. Acesso em: 30.11.2003.

FEVISA, Fazendas Ernane Viana. Página Podutos. Disponível em:
<<http://www.grupoev.com.br/index.htm>>. Acesso em: 20.10.2003.

FGV, Fundação Getúlio Vargas. Disponível em: <<http://www.fgv.br>>. Acesso em: 30.11.2003.

FORTE, Sérgio Henrique Arruda Cavalcante. *Manual de elaboração de tese, dissertação e monografia*. Fortaleza: UNIFOR, 2004.

_____. *Regras para publicação de artigos*. Fortaleza: UNIFOR, 2004.

FORTUNA, Eduardo. *Mercado financeiro: produtos e serviços*. 15. ed. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2002.

FUNCEME, Fundação Cearense de Meteorologia e Recursos Hídricos. Disponível em: <<http://www.funceme.br>>. Acesso em: 20.10.2003.

GOMES, João Hudson Saraiva. *A visão da indústria de processamento*. In: WORKSHOP DO AGRONEGÓCIO CAJU, Fortaleza, 20.9.2000. Disponível em: <<http://www.fiec.org.br>>. Acesso em: 30.11.2003

GONÇALVES, Reinaldo; BAUMANN, Renato; CANUTO, Otaviano; PRADO, Luiz Carlos Delorme. *A nova economia internacional – uma perspectiva brasileira*. Rio de Janeiro: Campus, 1998.

GRABBE, J. Orlin. *International financial markets*. 3rd ed. New Jersey, USA: Prentice Hall, Inc., 1996.

HOJI, Masakazu. *Práticas de tesouraria*. São Paulo: Atlas, 2001.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 20.10.2003.

KANITZ, Stephen. *Para quanto vai o dólar ?* Disponível em: <<http://www.kanitz.com.br/veja/paraquantovai.htm>>. Acesso em: 20.10.2003.

KHAN, Ahmad Saeed; DOURADO, Edna Marta Castelo Branco; SILVA, Lúcia Maria Ramos. *Análise econômica da minifábrica processadora de castanha de caju*. Revista Econômica do Nordeste, Fortaleza, v. 30, n. 4, p. 1014-1037, out./dez. 1999.

KRUGMAN, Paul R.; OBSTFELD, Maurice. *Economia internacional: teoria e política*. 5. ed. São Paulo: Makron Books, 2001.

LEITE, Lucas Antônio de Sousa. *A agroindústria do caju no Brasil. Políticas públicas e transformações econômicas*. Fortaleza: EMBRAPA, 1994.

LUNARDI, Angelo Luiz. *Operações de câmbio e pagamentos internacionais no comércio exterior*. São Paulo: Aduaneiras, 2000.

MAIA, Jayme de Mariz. *Economia internacional e comércio exterior*. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2001.

MDIC, Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. *Castanha de caju: uma receita para elevar as exportações*. Informativo Secex, ano IV, n.25. MDIC/SECEX, 2000

MOURA, Ricardo Franco. *Conceitos de finanças internacionais*. Brasília, 2003, p. 175. Trabalho apresentado no MBA – Executivo em Finanças, IBMEC/CENEX/BVR.

NAMEKADA, Yoshio; BEZERRA, Eloísa; ALVES, Francisco Ferreira. *O efeito negativo da proibição da exportação da castanha sobre os produtores de caju*. Fortaleza: IPLANCE, 2002.

PRADO, Carlos. *Safra da castanha. Produtos sinalizam proposta de preço*. Diário do Nordeste, Fortaleza, 17.9.2002. Disponível em: <<http://diariodonordete.globo.com>>. Acesso em: 2.8.2003.

RATTI, Bruno. *Comércio internacional e câmbio*. 7. ed. São Paulo: Aduaneiras, 1997.

_____. *Comércio internacional e câmbio*. 10. ed. São Paulo: Aduaneiras, 2001.

RODRIGUES, Maurício. *A castanha de caju e a desvalorização cambial – exportar (é) o quê importa?* Rede de Irrigação – Equipe de Estudos de Sistemas Agroindustriais e Turismo. Fortaleza: BNB/ETENE, 1999.

ROSS, Stephen A.; WESTERFIELD, Randolph W.; JAFFE, Jeffrey F. *Administração financeira: corporate finance*. São Paulo: Atlas, 1995.

ROSS, Stephen A.; WESTERFIELD, Randolph W.; JORDAN, B. D. *Princípios de administração financeira*. São Paulo: Atlas, 1997.

SALVATORE, Dominick. *International economics*. 7th. ed. New York, USA: John Wiley & Sons, 2001.

SANTOS, José Evaristo dos. *Dicionário de Derivativos – Inglês/Português*. São Paulo: Atlas, 1998.

SINCAJU, Sindicato dos Produtores de Caju do Estado do Ceará.

SINDICAJU, Sindicato das Indústrias do Açúcar e de Doces e Conservas Alimentícias do Estado do Ceará.

SINDIALIMENTA, Sindicato dos Trabalhadores da Indústria de Doces e Conservas Alimentícias do Estado do Ceará.

WHARTON SCHOOL e Outros. *Dominando finanças – Financial Times* – São Paulo: Makron Books, 2001.